

## **A SUBTILEZA DA VIDA ADULTA**

(mais conteúdo em [pedro-nunes.com](http://pedro-nunes.com))

A subtileza da vida adulta está na serenidade com que nos engole. Podemos afirmá-lo aqui, entre amigos, porque a prova está na própria realidade, na de cada um de nós. Afinal, quem é que verdadeiramente tem pressa? Claro que já todos vivenciámos o nervosismo latente ao trânsito, ao trabalho, aos miúdos que têm de chegar à escola, à velhota que não sossega quando era suposto ser só uma visitinha de médico. Contudo, subjacente a esse nervosismo passageiro, está inevitavelmente a crença de que o tempo que temos – a duração da vida – é suficiente para tudo o que verdadeiramente queremos concretizar. Afinal, se assim não fosse, se ouvíssemos o grito apressado que reverbera, nas vísceras, a debilidade das nossas vidas, em vez de todas estas pequenas pressas com que preenchemos o dia-a-dia, ocuparíamos o tempo exclusivamente com o que verdadeiramente significasse alguma coisa para nós. Tudo o que nos irrita, tudo o que nos frustra, só é tolerável nesta narrativa do tempo porvir. Contudo, na maioria dos casos, mesmo que estejamos semiconscientes deste facto – ou seja, ainda que pensemos nele, distraidamente, enquanto esperamos que o palerma da frente ganhe coragem para se meter na rotunda –, tomaremos, ainda assim, as mesmas decisões, o que nos redireciona à ideia inicial: a subtileza da vida adulta está na serenidade com que nos engole. E engole-nos de tal forma que a emergência desse estado requer, inevitavelmente, momentos de enorme violência. Ora, a violência não é necessariamente má; há beleza que nos assola violentamente, e a própria natureza, na sua imensidão, é suficiente para nos deslocar. Afinal, quem negaria a força desmesurada de uma onda gigante, quando a observa à sua frente, demasiado longe para lhe tocar mas perto o suficiente para projetar todo o seu poder? Por vezes, então, temos a sorte de ser assolados deste modo, positivamente, caindo-nos em cima um abalo que nos comove, que nos apaixona, que nos engrandece. Noutras vezes, contudo, enfrentamos a violência no seu sentido mais comum, ainda que, também aqui, não necessitemos de caminhar logo para os extremos. É verdade que o mundo não parece ser capaz de evitar uma certa dose de atos monstruosos, de aberrações de grandes dimensões que a história preserva, mas, o quotidiano da maioria de nós, não é habitado por estes superlativos. Pelo contrário, são os atos dúbios que, ao acumularem-se, tornam-se profundamente insuportáveis. Os piropos, os assobios, os pequenos desprezos e humilhações que, tão pouco aparentam quando os ouvimos distraidamente, dirigidos a outras pessoas, é quando somos nós o alvo – e quando atingem o nervo já sensível e

predisposto a explodir – que verdadeiramente compreendemos as extensões dos danos que causamos uns aos outros. Os doces venenos, expelidos com a mesma naturalidade com que afirmamos amar alguém, e que tanto dificultam as premissas do *peace & love*.

Eram estas, genericamente, mais palavra menos palavra, com maior ou menor articulação, as ideias que percorriam o pensamento de Gustavo, sentado no autocarro ao lado de uma velhota.

- “*Dá-me licença?*” – Perguntou-lhe Gustavo, depois de entrar no autocarro e dirigir-se para o par de bancos para o qual sempre se dirigia.

- “*Claro, meu menino.*” – Respondeu ela, docemente.

Apesar da simpatia da resposta, que nunca falhava em materializar-se, Gustavo começara, no último mês, a perder a paciência com a velhota. É que não havia dia em que Gustavo não a encontrasse, e não havia dia em que ela não estivesse naquele exato banco, do lado do corredor, enquanto o banco do lado da janela mantinha-se vazio. Por isso, todas as vezes, Gustavo via-se forçado a pedir-lhe licença e a observá-la, em esforço, a levantar-se para o deixar passar. Pensar-se-á: *mas não haveria outro lugar para o rapaz se sentar, sem ter de chatear a velhota?* Havia, é verdade, e havia todos os dias, até porque aquele autocarro não fazia uma carreira particularmente popular. Contudo, e embora pudesse reconhecer alguma crueldade no ato, para Gustavo era uma questão de princípio. Aos seus olhos, ser espezinhado por qualquer adversidade, era meio caminho andado para, em menos de nada, estarmos todos no apocalipse. Aquela velhota não era diferente de qualquer outra pessoa na sua vida, e se chegasse o dia em que ela se levantasse automaticamente, mal o visse entrar no autocarro, o êxtase fulgurante que o preencheria, só se justificaria por Gustavo saber que aquela ação, por mais pequena que fosse, tinha sido ele a consegui-la e a fazer do mundo um lugar um bocadinho melhor.

Semanas antes deste momento presente – em que Gustavo está sentado ao lado da velhota, no autocarro, a ponderar nestes tópicos – discutiu o assunto com a namorada, narrando-lhe a situação e afirmando:

- “*Só gostava que as pessoas se preocupassem com estas pequenas coisas...*”

- “*Com obrigar velhotas a levantar-se?*” – Perguntou a namorada, franzindo o sobrolho.

- *“Não... Esquece, tu não entendes!”* – Exclamou ele, e a conversa ficou por aí pois, exaltado, levantou-se de imediato da cama onde estavam ambos deitados, e afastou-se em direção à casa de banho. Antes de lá chegar, contudo, consciencializando-se de que nenhuma necessidade o constrangia a lá ir, redirecionou o passo e encaminhou-se para a cozinha.

- *“Gustavo, eu precisava da frigideira...”*

Ao entrar na divisão, foi surpreendido pela voz do colega de casa. Olhou-o, primeiro, e depois atentou sobre a pilha de pratos, talheres e tachos sujos, deixada no lava-loiças.

- *“Pensei que já não voltasses hoje.”* – Mentiu Gustavo, para uma careta expressiva do seu colega de casa.

Na verdade, o assunto era relativamente simples: era ele quem tinha cozinhado – para ele e para a namorada – e não lhe parecia justo que fosse também ele a lavar a loiça. Por isso, sem dizer nada, tinha-a deixado, propositadamente, no lava-loiças, à espera de que a namorada tomasse a iniciativa. Ela não tomou, e a loiça preservou-se intocada, e assim se teria mantido, não fosse o olhar reprovador do colega de casa, que condicionou Gustavo a, pelo menos, lavar-lhe a frigideira. O resto ficou precisamente no mesmo equilíbrio nervoso, ameaçando uma queda ruidosa.

Gustavo saiu, então, da cozinha, questionando-se se tinha lá ido buscar alguma coisa que entretanto se esquecera ou simplesmente para se afastar da namorada, mas ao ouvir a voz dela, a chamá-lo, rapidamente identificou a resposta. Obediente, ainda assim, voltou a entrar no quarto, fechando a porta atrás de si.

- *“Sim?”* – Perguntou, sarcástico.

- *“Então e se a velhota se senta no mesmo lugar, todos os dias, já a pensar que tu vais entrar e trocar duas palavras com ela?”* – Perguntou a namorada, com a voz a crescer de intensidade, como se o cenário se desenrolasse à frente dos seus olhos – *“E se ela, na verdade, não tem de ir para lado nenhum. Só entra naquele autocarro em específico por tua causa, senta-se naquele lugar por tua causa, e depois volta para casa quando tu vais embora, já a sonhar com o próximo dia?”*

- *“Ainda que seja tudo isso, o que é que tem?”* – Perguntou ele, forçando algum sarcasmo na voz, mas sem conseguir ocultar por completo a emergência da curiosidade.

- “*Nada, suponho... Só achei que poderia ser uma perspectiva interessante.*” – Gustavo expirou o ar nos pulmões, num equilibrado misto de desilusão e desprezo.

A conversa ficou por ali; de forma semelhante, a relação entre eles também acabou por ficar naquele lugar, poucos dias depois. Gustavo estava novamente deitado na cama, ainda que neste caso sozinho, quando recebeu a mensagem. Para os leitores atentos, não surpreenderá que não tenha sido o romper do namoro, em si, a causar grande alvoroço nas emoções de Gustavo, ou pelo menos não tanto, quanto causou o meio: uma mensagem de telemóvel, simples e eficaz: “*Acabou. Já não te aguento mais.*” Uma análise mais cuidada, pode até reduzir o ponto fulcral a duas letras: *te*.

Já não *te* aguento mais.

Ainda que Gustavo pudesse reconhecer que não era o mais apaixonante ou romântico dos namorados – talvez até o afirmasse com um certo orgulho – nunca se suporia como alguém intolerável, alguém custoso de aguentar. Por um momento, fê-lo sentir verdadeiramente desamparado, como se o seu organismo se visse confrontado com um obstáculo intransponível ou pertencente a uma outra realidade e, por isso, intratável pelas ferramentas habituais. Logo depois, contudo, reconheceu o desajuste entre eles, o desnível que colocava a sua cabeça sempre um pouco acima da dela, e compreendeu que o desfecho era, de certa forma, inevitável. Não é que fosse, necessariamente, mais inteligente ou intelectualmente superior, mas Gustavo sentia-se percorrido por uma sensibilidade, uma destreza emocional que ela dificilmente entenderia, mesmo que ele a tentasse explicar. Por isso, do seu ponto de vista, a recém ex-namorada sempre o interpretara de uma forma um tanto ou quanto errónea, como um puzzle com uma peça perdida.

Deixemos, no entanto, estes acontecimentos de lado, pois é agora imperativo que retornemos ao momento presente, onde, pela janela, Gustavo vê a pizzaria. Foi no movimento de se levantar, ao chegar à sua paragem – em silêncio, pois a velhota saíra na paragem imediatamente anterior, tal como acontecia todos os dias – que reparou na montra. Era uma nova pizzaria, aberta hoje no que outrora fora um restaurante de sushi com *take away* a quatorze euros e noventa e nove cêntimos e, antes disso, o pequeno restaurante familiar *O Trevo*. Gustavo assistira às metamorfoses ao longo dos últimos cinco anos, motivando-lhe um certo interesse pessoal no espaço, na arquitetura, nas escolhas decorativas de cada reinício, como se, de uma forma desapegada, tudo aquilo

também lhe pertencesse ou lhe dissesse respeito. Apesar disso, não tivera ainda tempo de experimentar esta nova pizzaria, e embora lhe parecesse uma boa alternativa a cozinhar, não lhe apetecia estar sentado sozinho, numa mesa, mergulhado no silêncio desconfortável de quem imagina as questões dos outros. “*Sexta-feira não é dia para se jantar fora sozinho.*” Pensou Gustavo, assertivo, assolado de súbito pela certeza da sua própria afirmação que rapidamente lhe facultou uma alternativa. Afinal, o número para entregas ao domicílio estava mesmo ali, na montra.

- “*Sim?*” – Ouviu-se a voz, do outro lado da linha.

- “*Sim?*” – Respondeu Gustavo que, confuso, estancou a meio do passeio e pôs-se a olhar para a montra, questionando se se teria enganado no número.

- “*Quem fala?*”

- “*Que forma estranha de atender...*” – Criticou ele.

- “*Então o amigo é que me ligou, está à espera de quê? Que eu me apresente?*”

- “*Não é da pizzaria?*”

- “*Não, amigo. Onde é que arranjou este número?*”

- “*Da montra de uma pizzaria, aqui ao pé da minha casa.*”

- “*Pois, não é o primeiro que me liga a pedir pizzas...*”

- “*Desculpe lá, então.*” – Despediu-se Gustavo, desejoso de se ver livre daquele bizarro diálogo. Contudo, antes que conseguisse terminar a chamada, voltou a ouvir a voz do outro lado da linha.

- “*Espere aí, amigo! Por acaso, não me quer fazer um favor?*”

- “*O quê?*”

- “*Não se importaria de ir à pizzaria e dizer-lhes que têm o número errado na montra? É que isto está a tornar-se muito incomodativo...*”

- “*Ah, sim, claro.*”

- “*Mas vai mesmo? É que os outros que me ligaram também disseram que iam, mas o problema mantém-se...*”

- “*Vou, sim. Não se preocupe.*”

- “*Obrigado, amigo.*”

Com o fim da chamada, e após um breve olhar por cima do ombro, para a pizzaria, Gustavo encaminhou-se para o seu apartamento, sendo que só à porta do prédio lhe ocorreu a ainda presente necessidade de arranjar jantar. Os transeuntes que por ali passavam, ouviram um interminável suspiro, logo antes de Gustavo refazer uns poucos metros de caminho e entrar na pizzaria. Já lá dentro, encontrou um empregado ao balcão, a limpar os óculos.

- “*Boa tarde.*” – Cumprimentou Gustavo.

- “*Um segundo...*” – Pediu o empregado, terminando de limpar os óculos mas deixando-os, depois, em cima do balcão – “*Diga.*”

- “*Queria encomendar uma pizza.*”

- “*Diga lá, então.*”

- “*O que é que tem?*”

O empregado entregou-lhe uma lista que apresentava as habituais opções destes sítios, e que Gustavo religiosamente ignorava porque escolhia sempre a mesma: pizza *margherita* – pronunciada por ele, enfaticamente, na versão original italiana. A razão era simples: como na quase totalidade do que fazia, também na alimentação, Gustavo pouco prazer retirava da experiência em si. O que realmente lhe instigava os sentidos, lhe incendiava as transmissões nervosas e o preenchia do tal êxtase mencionado anteriormente, era a comparação e a crítica, o afirmar que *isto é pior do que aquilo ou nada se compara àquele*. Ansiava por poder viver esses momentos com a maior frequência possível e, por isso, preparava-os religiosamente em todas as coisas que fazia. Mesmo à noite, quando se deitava, era ao reviver essas frases, a correção admirável, a destreza gramatical, que se conduzia a Morfeu. Assim, a escolha da *margherita* – imediata, mas que Gustavo camuflou com uns segundos de pretensiosa indecisão – servia o propósito de poder compará-la com todas as outras *margheritas* que já tinha comido, classificá-la nessa grande lista e prepará-la, assim, para a eventual necessidade de falar sobre ela.

- “*Fazem entregas? É mesmo aqui ao lado.*” – Perguntou Gustavo.

- *“Para que horas?”*

- *“Oito e meia.”*

Entregue a morada e o pagamento, e depois de uma vulgar despedida, Gustavo preparava-se para sair quando o vislumbre da montra recordou-o da conversa telefónica.

- *“É verdade!”* – Exclamou, voltando-se novamente para o empregado – *“O número que tem ali na montra não está certo.”*

- *“Pois, eu sei, têm vindo aqui dizer-me o mesmo o dia todo. Veja lá que quando enviei o número para a empresa que me fez isso, estava sem óculos, e devo me ter enganado...”*

- *“Então e não vai tirar aquilo dali?”*

- *“Vou, sim... Mas entretanto, todos os que vieram aqui avisar-me do número, levaram pelo menos uma pizza.”*

O empregado riu-se, expansivamente, para um sorriso ambíguo de Gustavo.

- *“Até logo, então.”*

- *“Até logo!”* – Despediu-se o empregado, ainda divertido consigo mesmo.

Cansado, exasperado e profundamente enfadado, Gustavo chegou finalmente a casa. Ao fechar a porta, atrás de si, sentiu a verdadeira extensão do dia a colidir com os seus músculos e influiu-o, de súbito, um poderoso desejo por um banho de água quente. Talvez já antecipando esse desejo, o colega de casa passou velozmente por ele, seminu, e fechou-se na casa de banho. Gustavo ainda correu, esmurrando a porta, mas já pouco ou nada havia a fazer. Em desespero, gritou uma mentira *“Eu tenho de me despachar! Deixa-me ir primeiro!”*, mas o colega nada respondeu, talvez deleitado com a vitória, talvez ciente do engodo.

Cansado, exasperado, profundamente enfadado e agora também derrotado, Gustavo entrou no quarto, fechou a porta atrás de si e atirou-se para cima da cama, sem qualquer esforço para amparar o movimento. A cama emitiu um rangido agudo, como um aviso prévio de que, qualquer dia, não aguentaria tamanha violência.

*“Já não te aguento mais”*, pensou Gustavo, o rosto afogado na almofada *“Que coisa horrível de se dizer a alguém!”*. Angustiado, deu a volta ao corpo de forma a encarar

o teto, e agarrou o telemóvel. Passou os quinze minutos seguintes a escrever, apagar e reescrever, vezes sem conta, a mensagem que destinava à ex-namorada. Primeiro achou-a demasiado tempestuosa, depois demasiado carinhosa, atravessou ainda o desespero e chico-espertismo, antes de finalmente se satisfazer com a malícia.

“*Tem uma boa vida!... dentro das tuas possibilidades.*”

Conforme enviou a mensagem, os lábios revestiram-se-lhe com um veneno *sui generis*, que lhe totalizou o sorriso e o rosto numa expressão de regalo. Gustavo era uma pessoa simples, se tal não estava ainda claro com a história da pizza, e era-o de tal forma que os maiores prazeres da sua vida estavam precisamente no que lhe era mais natural, tal como os maiores desgostos e aborrecimentos. Era essa naturalidade que o motivava em cada ação, em cada escolha – mesmo a da pizza – nem sequer lhe ocorrendo, na maioria das vezes, de que forma seria recebida ou impactaria os outros – ou melhor, eventualmente, como todos nós, via-se confrontado com as consequências das suas ações, mas não era esse, nem de perto nem de longe, o seu primeiro pensamento. Quase se poderia dizer que Gustavo vivia de tal forma açambarcado consigo próprio, que até algo tão rudimentar como a relação causa-efeito facilmente lhe passaria ao lado. E isto assim era a tal ponto que, se daqui a um ano, reencontrasse a ex-namorada numa festa e ela lhe revelasse que aquela mensagem a tinha magoado, Gustavo ficaria – acredite-se ou não – incrédulo. Daí o carácter *sui generis* a que se aludiu acima. É que mesmo a malícia deste jovem só poderá ser verdadeiramente compreendida se removermos a ideia de um ato propositado de vingança – na medida em que Gustavo não o fazia a pensar em vingar-se, necessariamente, mas tão-só no que lhe traria prazer. Se fosse suplicar por um perdão, Gustavo também o faria, e com a mesma facilidade com que enviara aquela mensagem. Cada um de nós terá de pensar, agora, de que forma esta informação modifica (ou não) o que pensaríamos de Gustavo, estivesse ele à nossa frente, ou ao nosso lado num autocarro, ou fosse o nosso companheiro de casa.

Ora bem, Gustavo, por seu lado, já não se encontrava capaz de pensar desta forma ativa. Adormecera, entretanto, embalado pelo prazer que a mensagem acionara, caindo num sono profundo do qual já só despertaria na manhã seguinte. Nós, infelizmente, já não cá estaremos para acompanhar essa tumultuosa manhã. Ficam, no entanto, os factos que transtornarão Gustavo.

O seu colega de casa – de nome Filipe, ainda que isso pouco importe para o relato – demorava-se ainda nos múltiplos afazeres que agrupara para o fim de tarde de sexta-feira – depilações, aparos, cortes, banho – quando ouviu a campainha. O som surpreendeu-o; talvez Gustavo estivesse a dizer a verdade quando lhe gritara que tinha de se despachar. Contudo, a leve preocupação rapidamente se dissipou, quando a campainha tocou mais duas vezes sem que qualquer movimento se ouvisse, no corredor. Filipe continuou, calmamente, os seus afazeres, e só cerca de meia-hora depois é que saiu da casa de banho, envolto pela toalha e acompanhado por uma nuvem de ar quente. Por sorte, o retorno para o seu quarto obrigava-o a mover-se em direção à entrada da casa, de onde foi subitamente assolado por um odor intenso a queijo derretido. Motivado pela fome, abriu num ápice a porta de entrada, descobrindo uma caixa de pizza a repousar, ainda quente, sobre o tapete. Sem sequer pensar duas vezes, trouxe-a de imediato consigo para o quarto.

- *“Acho que o Gustavo encomendou pizza e esqueceu-se.”*

A ex-namorada de Gustavo – atualmente em fase de livre experimentação com Filipe – olhou-o, de telemóvel na mão, oscilando o olhar entre o rosto do rapaz e a caixa nas suas mãos, mas apenas por alguns momentos. Logo depois, foi assolada por um ataque de riso, que só deu tréguas para saborear a pizza.